OS CAIXEIROS E IMPRENSA LUSA EM BELÉM DO PARÁ

Marcos Antônio de Carvalho

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo contribuir para a interpretação dos jornais da comunidade portuguesa, especificamente da classe dos caixeiros. Propõe-se a analisar a afirmação e suscitar questões sobre a compreensão da identidade portuguesa em Belém do Pará relativamente ao uso de jornais como representativo e defensor de causas laborais e classistas.

Embora alguns editoriais deixassem claro o foco das questões jornalísticas a serem abordadas como sendo de interesse da categoria laboral, não é difícil se perceber uma afirmação nacionalista do imigrante. Nesse sentido, corrobora Aldrin Figueiredo: "O processo de reafirmação de suas identidades étnicas e nacionais foi, como é possível perceber, algo fundamental para organização política da colônia de patrícios nesta terra distante."[1]

Os periódicos *O Caixeiro*[2] e A *Voz do Caixeiro,*[3] anteriormente citados, foram criados a partir da necessidade de luta da classe dos caixeiros[4] portugueses ante as dificuldades encontradas em seu novo *habitat* e também como forma de fortalecimento desses profissionais na luta por melhoria nas condições de trabalho. Através das páginas dessa imprensa classista, os caixeiros encontraram uma forma de divulgar e reproduzir os valores da classe, dos portugueses e do imigrante na sociedade paraense nos finais do século XIX.

De acordo com Geraldo Coelho: "A imprensa, pelo menos entendida pela relação jornal-leitor, começou no Brasil em 1808, com a chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro".[5]

Analisando a geografia da capital do Estado do Pará, Belém, e as dificuldades de comunicação com o mais numeroso núcleo da colônia portuguesa, o Rio de Janeiro, Paulo Ferreira, destacou que:

---

1 FIGUEIREDO, 2009: 43

2 BPAV / SETOR DE MICROFILMAGENS – arquivo 1, gaveta 5, rolo 133

3 BPAV / SETOR DE MICROFILMAGENS – arquivo 3, gaveta 2, rolo 132

4 No sentido de noticiário de representação classista, e também de migrantes, destaca-se o jornal *O Cearense*, hebdomadário fundado em 1914, por Terêncio Porto e Raimundo Proença, que também se constituía em um órgão representativo da colônia dos cearenses que migraram para o Pará, entre tantos por outros Estados da Federação.

5 COELHO, 2008: 24.

> A distância entre a circulação do primeiro jornal independente (embora produzido em Londres), no Brasil, o '*Correio Braziliense*', lançado em 1808, e o primeiro periódico do Norte do país, foi de apenas 13 anos. Apesar do extremo isolamento da época entre o Rio de Janeiro (capital da colônia) e Belém, o intervalo foi relativamente pequeno entre o surgimento dos primeiros jornais, que expressavam as mudanças que a sociedade brasileira vivia.[6]

O projeto gráfico dos jornais classista dos caixeiros portugueses de Belém do Pará era um projeto que seguira um formato bem diferente daqueles que apresentam as publicações atuais, logicamente. A configuração gráfica e também os conteúdos dos periódicos *O Caixeiro* e *A Voz do Caixeiro* eram semelhantes aos adotados pelos grandes jornais da época, com uma diagramação e textos distribuídos em quatro páginas a duas colunas. No caso destes dois jornais, a composição gráfica era textual e sem uso de ilustrações.

O CAIXEIRO

Esse jornal pertencia à classe caixeiral dos imigrantes da colônia portuguesa do Pará e apresentou um caráter literário e noticioso. Foi editado e publicado pela tipografia de Pinto Barbosa, em Belém. Possuía como endereço comercial a Travessa 7 de Setembro, nº 8. Esse jornal defensor do interesse classista dos caixeiros teve uma duração efêmera. Sua primeira publicação ocorreu em 15 de Dezembro de 1889 e saiu de circulação com o seu segundo número, em 22 de Dezembro do mesmo ano. A carência das fontes sobre este periódico deixa lacunas que não conseguiram ser preenchidas como: a tiragem do jornal, o seu preço avulso e por subscrição ou assinatura e a equipe de redatores e colaboradores.

O historiador Aldrin Figueiredo assim define este jornal:

> O *Caixeiro* [era] publicado na conhecida tipografia e editora Pinto Barbosa, a partir de 1889, como um jornal literário e noticioso, representante das lutas da classe caixeiral. Em oposição às anedotas que se publicavam sobre os portugueses, *O Caixeiro* trazia uma divisa que enfatizava o aspecto trabalhador do homem lusitano.[7]

6 FERREIRA, 2005:1.

7 FIGUEIREDO, 2009: 41.

Sobre o aspecto de laborioso do imigrante luso, o próprio lema do jornal enfatizava: "o trabalho é lei; a terra uma oficina, tendo o homem por seu chefe a força que o domina" - Souza Pinto.[8]

A edição inaugural, modesta e bem recebida entre a classe que representava, abria o periódico à sociedade lusa e paraense com o propósito real de defesa do interesse classista. Conforme consta em seu editorial: "Vimos trabalhar nas medidas de nossas forças; e sabendo quanto elas são diminutas, empregá-la-emos unicamente aos serviços da classe que vamos representar."[9]

As informações escritas nas páginas do citado informativo dos caixeiros e também da comunidade portuguesa tinham o propósito de informar e integrar os caixeiros que trabalhavam no comércio local.

Entre as secções que compunham o formato e eram frequentes, senão permanentes, citam-se: o Editorial, que tratava notícias mais recentes e ligadas aos objetivos e defesa dos caixeiros; a coluna literária com crônica e poesias que falavam dos caixeiros ou da pátria portuguesa e a seção de anúncios comerciais que procurava além de propagar o nome da casa comercial, avisar sobre mercadorias, preços e produtos importados que eram novidades ou novos na loja.

A respeito dos leitores paraenses, eram compostos por membros de uma classe mais seleta e culta. A sociedade local carregava entre sua gente um grande número de pessoas de pouco conhecimento e sem possibilidades nenhuma de leitura. Isso acabava por limitar, mas não por restringir a leitura dos periódicos em Belém. Segundo Aldrin Figueiredo:

> ... o jornal era, nas primeiras décadas do século passado, um produto raro e caro, limitado à reduzida elite local e à diminuta parcela de letrados, o que não impedia que as notícias veiculadas de boca em boca chegassem a lugares e ouvidos aparentemente inatingíveis."[10]

Assim eram disseminadas as informações deste jornal e de tantos outros que circularam pela capital paraense, não somente através da sua leitura direta, mas também por via oral de reprodução - quiçá alterada - dos conteúdos das notícias. Através da conversa informal, que às vezes iniciava após um rápido e despretensioso bom dia, os "intelectuais" da cidade das mangueiras iniciavam uma série de comentários sobre o que noticiava a imprensa.

Como noticiário de assuntos sociais, *O Caixeiro* prestava informações que pudessem auxiliar o leitor sobre questões festivas da sociedade e eventos e acontecimentos que fossem

---

8 *O Caixeiro*, Belém-Pa, 15/12/1889.

9 *O Caixeiro*, Belém-Pa, 15.12.1889.

10 FIGUEIREDO, 2008: 37.

de interesse geral como: a construção do prédio do Ateneu Comercial, a passeata em honra ao governo provisório da República (recém- instaurada), a chegada de vapores e comerciantes da Europa e felicitações por aniversários.

Relativo aos casamentos entre e de imigrantes a historiadora Cristina Cancela observou os casamentos que pudessem ser ilegítimos, considerando que o imigrante português, em bom número, "vinha de regiões marcadas pela constante e regular imigração dos homens, [situação] geradora de um desequilíbrio entre os sexos e o aumento no número de famílias ilegítimas."[11]

Curiosa foi a notícia na qual um determinado caixeiro falava de suas qualidades laboriosas e virtuosas ao anunciar que procurava um casamento.

Muito embora se afirmasse que a finalidade do periódico semanal fosse a defesa da classe caixeral e neutro a questões políticas, algumas situações devem melhor ser esclarecidas.

A classe dos caixeiros sempre deixou evidente o seu apoio à República.[12] Em nota repudiava com veemência a notícia de que os caixeiros representavam o "partido encarnado", registrando apoio ao governo provisório. Emitia avisos e demonstrava apoio para a montagem de um batalhão patriótico que garantisse a manutenção da República brasileira. Diante do exposto, fica muito bem sinalizada a aceitação das mudanças políticas ocorridas no Brasil em 15 de novembro de 1889; outra coisa não seria de esperar haja em vista a necessidade de integração e alocação profissional dos imigrantes portugueses no novo Brasil que agora optara pelo regime republicano.

Mas, por outro lado, também fez veicular duas notícias com as quais poderia tornar, aos olhos de autoridades e chefes políticos, duvidoso o apoio dado às forças legais do governo paraense. Isso é fato que se lê em reportagem que "pede-se atenção do chefe da polícia, o tenente Índio do Brasil, do não cumprimento do fechamento do comércio ao meio dia por parte de alguns comerciantes".[13]

A primeira delas foi a publicação onde fazia reclamações ao chefe de polícia, o Tenente Arthur Índio do Brasil, do não cumprimento do fechamento das portas do comércio ao meio dia por parte de alguns comerciantes.[14]

Uma semana depois publicou uma matéria onde informava a classe, os leitores e, de certa forma, as autoridades, que as casas de comércio em São Luís, no Maranhão, eram fechadas aos domingos, confirmando o descanso semanal.

---

11 CANCELA, 2006: 17.

12 Batalhão de garantia da República Brasileira, *O Caixeiro*, 22.12.1889.

13 *O Caixeiro*, Belém-Pa, 15.12.1889.

14 *O Caixeiro*, Belém-Pa, 15.12.1889.

Essa "questão do fechamento de portas" teria se tornado o principal assunto na imprensa caixeiral, seja pelo jornal *O Caixeiro,* seja pelo *A Voz do Caixeiro*. A cobrança que vai começar a ser feita na sociedade pelos caixeiros através da imprensa, implícita e expressamente, reclamava das péssimas condições de vida e trabalho desses trabalhadores do comércio. As solicitações de providências sugeriam punições e ainda o controle dos comerciários que teimavam em abrir as portas aos domingos. Tal situação resultara em uma pressão das autoridades aos donos de casas comerciais e destes sobre seus funcionários.

A sua posição como órgão classista e mantenedor da lusitanidade, mesmo que em curtíssima duração propiciou a observação, através da imprensa, de alguns aspectos da comunidade portuguesa do Pará. Nesse sentido, *O Caixeiro* "expressava a preocupação com a colônia portuguesa e com as notícias sobre Portugal."[15]

Mesmo com apenas duas publicações, o jornal indicava duas linhas de reportagem. A primeira delas tinha relação com os problemas e questões ligadas ao trabalho dos caixeiros no Pará. O questionamento sobre o fechamento do comércio para garantir o descanso semanal dos caixeiros aos domingos evidencia que nesse curto intervalo de tempo essa foi a grande preocupação da classe caixeiral manifestada através da imprensa.

Uma segunda linha de reportagens caracterizava a sociabilidades com a comunidade e o saudosismo da pátria. Felicitações sobre aniversários, avisos da chagada de vapor (como a ancoragem do Vapor Pernambuco) com o desembarque de portugueses que retornavam de Portugal após viagem de negócios ou de visita a familiares.

Sobre os motivos do fim de sua circulação não há fontes que possam ser conclusivas. Contudo, como indicativo de esclarecer razões do fim da publicação informa Aldrin Figueiredo que:

> No correr do século XIX, vários governos, políticos e grupos sociais tentaram conter o desenvolvimento da imprensa local, justamente porque a informação e a polêmica dificultavam o exercício do poder.[16]

O posicionamento político e ideológico dentro de uma sociedade como a paraense, onde o poder político procurava limitar e fazia cessar as opiniões públicas, transforma-se em motivações suficientes para que ações do governo sejam tomadas no sentido de impedir a propagação de ideias contrárias ao poder local.

---

15 FONTES, 2002: 233.

16 FIGUEIREDO, 2008: 36.

A VOZ DO CAIXEIRO

A defesa de interesses tanto de classes como de partidos esteve presente na imprensa paraense e isto ocorreu com maior intensidade no período de grande prosperidade econômica que vivia Belém com o desenvolvimento e a riqueza gerada pelas atividades da borracha amazônica.

O hebdomadário da classe dos caixeiros,[17] *A Voz do Caixeiro,* teve sua publicação inaugural em 9 de Fevereiro de 1890 e saiu de circulação em 14 de Março de 1892. Inicialmente tinha suas páginas impressas na tipografia de A. F. da Costa, situada a Rua São Vicente, nº 3. Em 2 de Novembro de 1890, com a edição nº 38, passou a ser impresso na tipografia do Livro de Ouro, sito à travessa das Mercês, nº 5. Não estão microfilmados, quiçá por extravio, os seguintes números: 12, 37 e 39. O acesso às edições foi obtido no microfilme constante do rolo nº 132, do Arquivo nº 3, gaveta nº 2, no setor de microfilmes da Biblioteca Pública Arthur Viana. Nesta pesquisa só localizamos e tivemos acesso às edições microfilmadas, estas cobrem o período de 09 de Fevereiro a 28 de Dezembro de 1890.

Este noticiário de publicação semanal apresentava artigos de caráter literário, comercial e noticioso e era um órgão dos empregados do comércio paraense. Apresentava-se prestativo a ideias e causas republicanas sem, no entanto, ser ou se manifestar como um jornal partidário.

Para a professora Netília Seixas:

> O processo de modernização da imprensa periódica paraense, identificado com mais intensidade na virada do século XIX para o XX, é contínuo e agrega os novos serviços aos pequenos jornais, também. Além disso, há uma consolidação nas características gráficas e de conteúdo nos principais jornais de Belém e também nos periódicos de menor relevância.[18]

As inovações que modernizavam os jornais, conforme cita Netília Seixas, não haviam chegado às folhas impressas desse jornal caixeiral. Mantinha, em sua impressão, um formato tradicional de quatro folhas em duas colunas como lema *Il faut agir, il faut marcher, Il faut valoir*, frase de Vitor Hugo que servia como expressão de luta dos caixeiros, exortando-os à acção e à luta pelos seus direitos.

---

17 FIGUEIREDO, 2009: 42-43. "Se as gazetas representavam interesses de classe e segmentos políticos, também era comum existirem jornais que divulgavam os interesses das comunidades de estrangeiros que viviam no Pará."

18 FERNANDES; SEIXAS, 2011: 11; Na virada do século XIX para o século XX, a imprensa local vai intensificando os usos da imagem: nos jornais, de maneira mais sóbria, com ilustrações de busto e até mesmo de cenas exteriores; em algumas revistas, os desenhos humorísticos se fortalecem com críticas à política ou aos costumes da sociedade local. Os anúncios vão ficando mais produzidos, com floreados, desenhos e o aumento de tamanho dos destaques.

Sobre a luta da classe, o Editorial de 28 de setembro dizia:

> Quando estabelemos a criação deste periódico inspirados simplesmente pela intenção de combater os tantos prejuízos incutidos aos espíritos menos cultivados, tomando por base da nossa resolução a defesa dos direitos da classe caixeiral não acaba o sentido /.../ Entretanto já é tempo de nos manifestarmos orgulhosos sobre os resultados da causa que até hoje temos defendido, com a convicção de concorrermos para o alevantamento da coletividade que representamos, entregue até então por caprichos desrazoados a um estacionamento prejudicial e censurável.[19]

A análise das notícias e do conteúdo impresso aplica ao jornal a característica de um forte instrumento da luta classista contra os abusos, as más condições de vida, a falta de respeito e as explorações das longas e exautivas jornadas de trabalho. As informações veiculadas lhe aferiu aspecto de um jornal combativo da classe dos caixeiros e não só; apresentou textos de leitores e redatores, que manifestavam anseios com depoimentos, anúncios, denúncias, felicitações e avisos de partidas e chegadas.

As linhas impressas não deixam dúvidas sobre a combatividade classista, a preocupação com diversas questões sociais e o saudosismo da pátria, se não de todos, da maioria dos caixeiros portugueses, fossem eles assinantes, leitores, utilizadores e promotores de *A Voz do Caixeiro*. De acordo com Aldrin Figueiredo: "A colônia portuguesa teve um papel inigualável na veiculação e expressão de ideias voltadas para a solidificação de certa identidade nacional, em torno da origem lusitana."[20]

Com relação ao discurso classista realizado nos periódicos, por vezes utilizavam uma linguagem que pudesse corresponder às expectativas dos patrões, não significando que deixassem de aspirar e tentar alcançar as suas próprias. De acordo com Fabiane Popinigis:

> Os periódicos caixeirais e os discursos de oradores em defesa desta classe procuravam enfatizar o aspecto árduo e cansativo do trabalho no comércio, já que a fidelidade ao patrão e a dedicação ao trabalho eram - do ponto de vista dos negociantes - atributos essenciais aos que queriam fazer carreira no ramo.[21]

---

19 *A Voz do Caixeiro,* Belém-Pa, 28.09.1890.

20 FIGUEIREDO, 2009: 42.

21 POPINIGIS, 2001-2002: 222-223.

A vida de labor árduo dos caixeiros era com frequência descrita em crônicas do jornal. Em uma das páginas de *A Voz do Caixeiro*, assim esse trabalhador é descrito:

> O que é um caixeiro?
> Será aquele que faz caixas?
> Será aquele que faz escrituração comercial e recebe paga?
> Do que me ocupo não faz caixas, nem escrituração, sendo que recebe paga.
> É proposto que age para a casa a que está ligado.
> Quase sempre é moço, bem ou mal apessoado, bonito ou feio, (destes conheço muitos) que usa bigodes, quando os tem...[22]

O texto acima descreve o cotidiano e o labor nas casas do comércio paraense. Faz caracterização do trabalho e do trabalhador caixeiro numa crônica que externa a alegria pelo fechamento do comércio aos domingos[23].

O mesmo texto ainda apresenta as condições sociais do *labor* e mostra como as pessoas eram *condenadas ao trabalho* e que deveriam sempre recarregar energias para atender a freguesia quando solicitado; mostra um indivíduo "entregue a grande afã, as vezes improfícuo, pálido, tristonho, em desalinho, em mangas de camisas, sem atrever a ensaiar um riso, dizer uma pilheria".

Procura retratar o calvário da luta diária de um caixeiro pela sobrevivência e as suas precárias condições de vida; transparece a simples situação do descanso semanal como o seu sonho.

A mesma crônica continua a descrever o infortúnio do lutador. E relata que quando ele, o caixeiro, pensa em descansar, quando à noite fecham-se as portas do estabelecimento, engana-se, porque tem de arrumar em horas o que desarrumou durante o dia para satisfazer as exigências dos fregueses; mas quando se estende na cama, ou se embrulha na rede, o pensamento do domingo lhe suaviza as amarguras do dia acaba por dormir como um bem-aventurado até o dia seguinte.

As péssimas condições de vida do caixeiro em Belém são também descritas em uma correspondência de um leitor que, tendo assinado como Mucio Hasse, foi publicada. O autor da carta assim escreveu:

---

22 *A Voz do Caixeiro*, Belém-Pa, 19.12.1890.

23 A luta pelo descanso semanal ocorria em diversas cidades do país. Sobre a luta dos caixeiros em Minas Gerais, os caixeiros de Juiz de Fora reforçaram seus laços de solidariedade, em especial, articulando-se em torno da Associação dos Empregados no Comércio. OLIVEIRA, 2005.

> Prezados colegas e amigos,
> Li os dois belos artigos publicados n'*A Voz do Caixeiro* e não posso deixar de compartilhar das mesmas ideias, pugnar pelos interesses de uma classe nobre, oprimida, sofredora; considerada por alguns orelhudos d'esta praça como a classe ocupadora do ultimo degrau da escada social, composta de automatos, de indivíduos sem pátria, sem crença e sem liberdade.[24]

A classe dos caixeiros no Pará[25] era constituída por aproximadamente 4.000 indivíduos, segundo estimativa feita por Rabelais Júnior (*A Voz do Caixeiro*, Belém-Pa, 02.03.1890). Dentro deste número, uma grande parte era de caixeiros portugueses que, ao ser convidados a trabalhar no comércio, se sujeitavam as penosas situações que lhes eram impostas pelo patrão que, além de compatriota, também era o seu opressor e explorador do seu trabalho.[26]

Sobre igualdade e identidade nacional entre os imigrantes trabalhadores, o historiador Aldrin Figueiredo afirma:

Não se trata de pensar que a identidade nacional suplantasse as diferenças sociais e de classe entre os estrangeiros, porém esse universo simbólico era comumente manipulado inclusive para estabelecer relações de dominação e exploração entre a elite da comunidade, composta quase sempre por prósperos comerciantes e a arraia-miúda que, quase sempre, labutava, em bicos e ocupações efêmeras e profundamente voláteis - do trabalho ambulante à prostituição.[27]

> Através das notícias dos jornais, percebe-se que existia uma relação entre nacionalidade e trabalho. Os portugueses empregadores apresentavam sua preferência pelos seus patrícios que, independente da idade e da situação, poderia oferecer algum tipo de cumplicidade. Para alguns, o português era considerado como o único que se aclimataria e se fixaria na Amazônia, muito embora não gostasse do trabalho agrícola.[28]

---

24 *A Voz do Caixeiro*, Belém-Pa, 24.05.1890.

25 SARGES, 2002: 15. O Censo de 1872 já apontava um número expressivo de comerciantes, guarda-livros e caixeiros.

26Vale lembrar que muitas vezes os empregados portugueses experimentavam a exploração sob o teto paternalista do patrão, por vezes seu parente; por outro lado, a aparente submissão dos portugueses à ideologia do trabalho podia também representar uma estratégia de sobrevivência na terra de seu destino.

27 FIGUEREDO, 2009: 43.

28 FONTES, 2009: 283.

Nos números analisados do jornal *A Voz do Caixeiro*, verificou-se que em Belém, e em outras cidades como o Rio de Janeiro, Juiz de Fora e São Luís do Maranhão, foi intensa e combativa a luta entre os caixeiros e os comerciantes no que diz respeito à garantia do descanso semanal.

Após anos sem descanso semanal, os caixeiros do Pará receberam com entusiasmo a Lei de 16 de Janeiro de 1890 que determinava o fechamento das portas do comércio da cidade de Belém aos domingos. A partir de então, a luta passava a ser outra: mobilizar a classe para que fosse cumprida a lei e para que os fiscais as fizessem cumprir. Intensa e tensa foi a relação que se desdobra a partir desta conquista, abrindo mais uma jornada de batalha para os caixeiros.

Em batalha semelhante, os cariocas passaram a utilizar a estratégia do convencimento dos patrões. Um patrão convencido a fechar, passava a convencer outro comerciante, para não ficar em desvantagem. Sobre essa estratégia:

> Os grupos de caixeiros saíam às ruas para abordar uma por uma as casas comerciais que ainda se encontravam abertas após as oito horas da noite. Segundo esses jornais, que simpatizavam com o movimento dos 'honestos moços', eles iam 'educadamente' pedir ao patrão que acatasse o movimento e fechasse as portas do seu estabelecimento àquele horário.[29]

Tal situação não resume que todas as abordagens feitas pelos caixeiros do Rio de Janeiro, conforme descrito acima, fossem sempre harmoniosas, sem rusgas e agitações. Em Belém, alguns editores deste semanário receberam ameaças quando passaram a publicar o nome das casas comerciais que desobedeciam à lei e abriam aos domingos. "Se constituía em direito (do caixeiro), descansar ou reservar o domingo para outras atividades, discordando que este dia fosse empregado em libertinagem viciada."[30]

A Voz do Caixeiro em uma notícia titulada "Boatos", de 19 de Dezembro de 1890, escreveu que já havia uma quantia de 600$000 réis para gratificar quem fosse influente a ponto de fazer anular a lei em favor dos caixeiros no Pará.

Uma das justificativas que os comerciantes utilizavam era a de que navios partiam aos domingos e que precisavam se manter abertos para concretizar e finalizar algumas negociações. Atendendo aos anseios dos caixeiros, o Governador determinou em portaria a proibição da saída de navios e vapores aos domingos.[31] Entre as estratégias adotadas pelos caixeiros paraenses através do jornal realizando *pressão* ao comércio para que fosse cum-

29 POPINIGIS, 2001-2002: 212.

30 FONTES, 2002: 241.

31 *A Voz do Caixeiro*, Belém-Pa, 10.08.1890.

prida a Lei vão ser baseadas em três formas de ação: denúncia às autoridades, publicação do nome das casas de comércio que abriam em horários proibidos pela lei e manifestações dos empregados do comércio.

> Contra os incumpridores da legislação da guarda do domingo pelas casas de comércio, começaram a ser feitas denúncias nominando as ruas do setor comercial que mantinham muitas casas abertas, como a rua de Santo António e a João Alfredo. Repetidas as denúncias e diante de certa inércia dos fiscais, os caixeiros resolvem também chamar atenção das autoridades para a corrupção, a inabilidade e inaptidão de algumas pessoas para o serviço público. Chegavam mesmo a falar que esse tipo de indivíduo "podia levar uma nação a banca rota."[32]

Com relação às denúncias feitas às autoridades, chamam a sua atenção, de maneira firme e em tom acusador reclamava das autoridades portuguesas, nomeadamente do consulado, que nada faziam diante da descarada exploração dos trabalhadores portugueses.

De forma a pressionar o proprietário do comércio para que este se sentisse inibido e envergonhado e, portanto, cumprisse o horário legal de funcionamento, passaram a citar os nomes dos estabelecimentos e/ou de seus proprietários que resistiam a observar o preceituado legalmente, a exemplo: S. Castro & C.ª (a reputada loja Paris N'América), Serafim José Corrêa de Sá (loja Aliança), F. Pimentel & C.ª (loja Morgadinha) e Salgado Guimarães & C.ª (loja Paris no Pará). Segundo notícia desse jornal, de 19 de Outubro de 1890, esses comerciantes mantinham suas propriedades abertas aos domingos, ficando os respectivos empregados a trabalhar até por volta das 13 ou 14 horas. A última das formas de resistência listadas consistia nas manifestações organizadas em dias festivos, portanto feriados, ou após as reuniões entre grupos de caixeiros.

A secção do folhetim também apresentou traços que o transformava em veículo de utilidade para manter laços com a pátria e manifestações patrióticas. Em nota, foi publicada a morte de Camilo Castelo Branco, uma das figuras mais ilustres e grande representante das glórias da literatura portuguesa.

Com o ultimato inglês de 11 de Janeiro de 1890, os portugueses residentes no Pará manifestaram-se na imprensa com poesias pejorativas aos ingleses e também com anedotas que procuravam desvalorizar os pertencentes àquela nação. A exemplo, uma anedota titulada "Do tempo", publicada em uma das edições do jornal: " Um gaiato dos jornais passava ontem

32 *A Voz do Caixeiro*, Belém-Pa, 30.11.1890.

à Estrela, um inglês acenou na janela e o chamou: - Nem que você me desse uma ladra por cada um, respondeu o rapaz, e lá se foi apregoando os jornais."[33]

O saudosismo luso está descrito de algumas formas distintas: a importância dada a acontecimentos de portugueses na colônia lusa de Belém e dos patrícios em Portugal. Festas de casamentos e aniversários, independentemente de que lado do Atlântico fosse, também ganhavam notas jornalísticas. Os embarques e desembarques de imigrantes que partiam ou chegavam de Lisboa, Porto ou qualquer outra cidade portuguesa eram noticiados com redação emotiva. Sobre a catarse emocional de quem parte e quem fica, de quem chegou e de quem permanecia, afirmou a historiadora Izilda Matos:

> As emoções das partidas e as despedidas que faziam brotar a saudades, os sentimentos de desenraizamento, a dor da espera e das perdas, do finalizar algo com um adeus ou um reinício de uma nova vida que se queria melhor. Saudades dos que ficavam e dos que vinham lembranças dos beijos, abraços e sinais de despedida, também dos abraços de boas vindas e acolhimento. Inúmeras sensibilidades e os sonhos, que atravessaram oceanos nas buscas de possibilidades, enriquecimento, promoção social, retorno e expectativas.[34]

À semelhança do que aconteceu em Portugal e outros lugares onde residiam comunidades lusas, a colônia portuguesa em Belém reagiu veementemente ao Ultimato inglês. No Pará, na capital, foram visíveis as manifestações de repúdio aos britânicos. Em 2 de março de 1890, a indignação era tal, que um leitor criticou o jornal *Apologista* e seu redator, Nelson Justus, e sem motivações que justificassem, a não ser a nacionalidade inglesa do redator, o ameaçou de espancamento. Os xingamentos também não eram raros de serem escutados.A manifestação portuguesa contra os ingleses na imprensa caixeiral, reflete-se na publicação de anedotas e poemas desmoralizantes da Inglaterra e seu povo.

A questão dos portugueses com os ingleses em África deixou um saldo de grandes e pesadas críticas à monarquia portuguesa e ao seu rei. Entretanto, estimulou importantes manifestações de nacionalismo da colônia lusa do Pará. Os caixeiros lusos e demais imigrantes portugueses demonstraram um intenso pesar e o sentimento de revanchismo pela humilhação infligida por uma velha aliada, a Inglaterra. Questionaram que o fato de ainda haver heróis portugueses não sinalizava que houvesse consolação para a aceitação do Ultimato.

---

33 *A Voz do Caixeiro*, Belém-Pa, 23.02.1890.

34 MATOS, 2008: 107.

Noticiadas de tamanho mais curto, mesmo em notas mais discretas, o hebdomadário caixeiral sempre fazia alusões às questões da sociedade paraense. Neste sentido, felicitava ações e situações como fez ao parabenizar a eleição do tenente Índio do Brasil, eleito deputado. Atuava também com denúncias, como as da corrupção dos servidores públicos, das necessidades de melhorias de ruas e escolas. A preocupação com questões de abandono social, gatunagem e malandragem, também eram pautas das informações que circulavam nesse jornal.

Noticiou, a quatro de Maio de 1890, um pedido de providências do juizado de órfãos. A solicitação era para que *agasalhasse* as meninas e os rapazes em lugar apropriado, onde pudessem receber o ensino e a educação necessária evitando que ficassem jogados à má sorte. Outra nota denuncia a prostituição de mulheres.

O *Caixeiro* também se apresentou como um meio de sociabilidade entre a comunidade portuguesa, e, dentro deste campo, até como forma de propiciar matrimônio aos imigrantes masculinos. O considerável número de imigrantes solteiros ou vindos sem família que procuravam casamento, detalhados nos estudos da historiadora Cristina Cancela[35], é reforçado pelo curioso aviso social que foi tipografado em impresso caixeiral que circulou na capital do Pará.

> Um prêmio do céu.
> Um rapaz de boa família, empregado no comércio, gênio doce e gentil, esbelto e finalmente bem parecido, propõe as gentis donzelas desta capital, rifar-se, a si próprio /.../
> O mesmo rapaz promete cumprir todos os desejos da jovem que possuí-lo, quando sejam razoáveis.
> Desde já, acha-se aberta a inscrição: Carta fechada nesta redação com as iniciais J.V.[36]

Nenhuma outra informação do anunciante foi conseguida. A atitude, além de inovadora para a época, deixa óbvia não só a preocupação como também a pressa do rapaz J. V. em se casar. A rifa dele próprio serviria para angariar o dote a ser oferecido à donzela escolhida. O rifador, objeto da rifa, tinha a pretensão de reunir cem contos de réis vendendo 100 bilhetes, a um conto de réis, cada um.

35 CANCELA, 2006.

36 *A Voz do Caixeiro*, Belém-Pa, 20.07.1890.

Os jornais e o seu uso como fontes para o estudo da história têm múltiplas virtualidades, conforme diz Aldrin Figueiredo: "Retomar as páginas de um jornal antigo pode funcionar também como folhear um álbum de família que, embora aparentemente decrépito, está mais vivo do que nunca."[37]

A GUISA DE CONCLUSÃO

Geralmente, imigrante, menor aprendiz e futuro caixeiro, o jovem chegava ao Pará ainda na flor da mocidade, em idade que variava entre 16 e 25 anos. Tantos não declaravam ser o que, profissionalmente, na cidade destino, viriam ser.

Mesmo que em todas as situações as jornadas de trabalho fossem exaustivas e as condições de trabalho permanecessem penosas, a atividade de um caixeiro variava dentro de certa escala que podemos dizer: apresentava níveis *graduados* de responsabilidades laborais.

O caixeiro acumulava várias funções numa casa comercial nas quais havia uma hierarquia entre os seus diferentes tipos: o caixeiro de balcão, o caixeiro de fora, o vassoura e o guarda-livros ou primeiro caixeiro.[38]

Através da imprensa, nas fontes aqui apresentadas, havia uma luta e defesa da classe caixeiral, sendo que os interesses desses ali dissertados giravam em função de melhorias em suas condições de vida e trabalho. Valendo destacar a luta pelo descanso dominical (fechamento das portas). A linha editorial dos jornais *O Caixeiro* e *A Voz do Caixeiro* estavam assentes nos interesses específicos da categoria.

A preocupação dos caixeiros na criação elos com o local de acolhida como imigrante é observado com clareza em dois momentos: primeiro quando demonstra preocupação com causas sociais (a mendicância, a prostituição e o abandono de menores) e, por segundo, quando procuram criar laços mais fortes com a realização de laços matrimoniais.

---

37 FIGUEREDO, 2009: 43.

38

Fontes

BPAV / SETOR DE MICROFILMAGENS – arquivo 1, gaveta 5, rolo 133, Jornal *O Caixeiro*

BPAV / SETOR DE MICROFILMAGENS – arquivo 3, gaveta 2, rolo 132, Jornal *A Voz do Caixeiro*

Referências bibliográficas

CANCELA, Cristina Donza, 2006. *Casamento e relações familiares na economia da borracha 1870-1920***.** Tese. (Doutoramento em história econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

COELHO, Geraldo Mártires Coelho, 2008. Imprensa, ideias e poder: o surgimento da imprensa no Pará. *PZZ Pará Zero Zero,*2(5): 22-39.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos, 2011b. Entre jornais e um repórter: a imprensa de Belém nas décadas de 1910 e 1920. *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recife-Pe, Setembro/2011.

FERREIRA, Paulo Roberto, 2005. Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia. *III Encontro Nacional de História da Mídia*, Novo Hamburgo-Rs.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de, 2008. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822–1922 (primeira parte). *Revista ZYG360.com*, 1(4): 36-38.

_, 2009. Uma história impressa: os jornais paraense, 1822-1922 (parte final). *Revista ZYG360.com*, 2(5): 40-45, 2009.

FONTES, Edilza Joana de Oliveira, 2002. *Preferem-se portugues(as): Trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará* (*1885-1914).* Tese (Doutorado em História)– IFCH, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas-Sp.

_, 2009. imigração e mercado de trabalho na amazônia do fim do seculo XIX o caso dos portugueses em Belém do Pará. In: ARAGÓN, Luís E. *Migração Internacional na Pan-Amazônia*. Belém: Ufpa/Naea/Unesco, p. 281-320.

MATOS, Maria Izilda Santos de, 2008. Âncora de emoções – a imigração portuguesa. *Cadernos Ceru*, 2(9): 99-113.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de, 2005. Notas prévias sobre a campanha dos caixeiros juizforanos pelo descanso hebdomadário (1880-1905). *Revista Cantareira***,** 2(3).

POPONIGIS, Fabiane, 1998. *Trabalhadores e patuscos. Os caixeiros e o movimento pelo fechamento das portas no Rio de Janeiro (1850-1912).* Dissertação de mestrado Unicamp: Campinas.

_,1999. As sociedades caixeirais e o "fechamento das portas" no Rio de Janeiro (1850-1912). *Cadernos AEL*, 6 (10/11): 111-144.

_, 2001-2002. Caixeiros e operários: relações de trabalho e sociabilidade no Rio de Janeiro do início do século XX. *Revista História Social*, Campinas, 8(9): 211-234.

SARGES, Maria de Nazaré, 2002. *Belém: Riquezas produzindo a belle-époque(1870-1912)*. 2ª Ed. Belém-Pa: Paka-tatu.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos, 2011. O uso da imagem na mídia impressa em Belém: percurso e configuração. *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicaçã*o – Recife, PE

SODRÉ, Nelson Werneck, 1999. *História da Imprensa no Brasil*, São Paulo: Mauad.